

A SEMANA – 121

John Gledson

Claro que não há razão para supor que a opinião que Machado tinha do espiritismo mudara desde que, na última crônica de “Bons Dias!” (de 29 de agosto de 1889), diz, com franqueza inusitada, que “o espiritismo é uma fábrica de idiotas e alienados, que não pode subsistir.” Como diz, já mencionara o assunto várias vezes, e sempre em tom de zombaria. Mas a ideia da reencarnação de uma pessoa noutra, ou num animal, ou, nesta crônica, numa coisa (um bonde elétrico, que reencarna uma tartaruga...), parece atraí-lo por suas possibilidades satíricas.

Esta crônica está incluída na antologia de Mário de Alencar, p. 163-166.



A SEMANA

23 de setembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Os depoimentos desta semana complicaram de tal maneira o caso da bigamia Lousada,¹ que é impossível destrinchá-lo, sem o auxílio de uma grande doutrina. Essa doutrina, eu, que algumas vezes me ri dela, venho proclamá-la bem alto, como a última e verdadeira.

Com efeito, vimos que a primeira mulher do capitão é negada por ele, que afirma ser apenas sua cunhada. Outros, porém, dizem que a primeira mulher é esta mesma que aí está, e quem o diz é o vigário, que os casou em 1870, e o padrinho, que assistiu à cerimônia. Mas eis aí surge a certidão de óbito e o número da sepultura da primeira esposa, que, de outra parte, são negadas, porque a pessoa morta não é a mesma e tinha nome diverso. Há assim uma pessoa enterrada e viva, mulher, cunhada e estranha, um enigma para cinco polícias juntas, quanto mais uma.

Vinde, porém, ao espiritismo, e vereis tudo claro como água. Eu não cria no espiritismo até junho último, quando li na *União Espírita* que, há anos, um distinto jurisconsulto nosso, antigo deputado por Mato Grosso, consentiu em assistir a uma

¹ Este caso se complicou (mas nem tanto) entre os dias 17, 18 e 19 de setembro. No primeiro dia, lendo as reportagens, fica claro que Manuel Ferreira Lousada casou com Maria Carlota Amaretti Lousada em 1870, que a rejeitou, e que recentemente casara com Maria Henriqueta Watson, de 24 anos de idade, viúva (*Gazeta*, 17 de setembro, p. 1). Lousada constrói um tecido de mentiras mais ou menos descaradas (que a *Gazeta* chama de “cínicas”), alegando que ele abandonou a verdadeira Maria Carlota, porque esta se prostituiu (ela, porém, diz que “vive do seu trabalho honesto para manter os seus dois filhos”); mais tarde, em 1880, ela teria morrido. Lousada se teria amasiado com a sua cunhada, Maria Augusta, sem casar com ela. Segundo ele, é esta Maria Augusta, não Maria Carlota, que o acusa de ser seu marido; ela teria tido duas filhas com ele, que foram legitimadas. Maria Carlota estaria sepultada, com o nome de Maria Augusta, no cemitério de S. Francisco Xavier. A mãe da mulher aparece para dizer que a tal Maria Augusta nunca existiu, e que a mulher aqui presente é a esposa legítima, Maria Carlota. Vêm também outras testemunhas do casamento para apoiar esta versão. Tudo parece claro, então: a verdade de um lado, a mentira tosca do outro. No fim da última reportagem, porém, vem Adriano Batista, português de 41 anos, dizendo que leu as reportagens no *Jornal do Commercio*, e insiste que esta Maria Augusta, sepultada no cemitério como ele diz, não só existiu, como casou com ele, e faleceu em 1880: “Foi sempre de exemplar comportamento, vivendo com este até a hora do seu falecimento, que ele declarante pode provar com certidão de óbito da finada.” Na verdade, trata-se de outra mulher, estranha ao caso. Parece claro que todo o depoimento do bigamo é uma complicada mentira, fato que Machado finge ignorar.

experiência. Foi evocado² o espírito da sogra do deputado e respondeu o marquês de Abaeté: “Meu amigo; o espiritismo é uma verdade. *Abaeté.*”³ Caíram-me as cataratas dos olhos. Certamente o caso não era novo; mais de uma resposta dessas aparecem, que eu sempre atribuí à simulação. A circunstância, porém, da assinatura é que me clareou a alma, não só porque o marquês era homem verdadeiro, mas ainda porque o espírito assinara, não o seu nome de batismo, mas o título nobiliário. Se houvesse charlatanismo, teria saído o nome de Antônio, para fazer crer que os espíritos desencarnados deixam neste mundo todas as distinções. A assinatura do título prova a autenticidade da resposta e a verdade da doutrina.

Sendo a doutrina verdadeira, está explicada a confusão da esposa, da cunhada e da senhora estranha, que se dá no processo do capitão, porquanto os doutores da escola ensinam que os espíritos renascem muita vez tortos, isto é, os filhos encarnam-se nos pais das mães, e não é raro ver um menino voltar a este mundo filho de um primo. Daí essa complicação de pessoas, que a polícia não deslindará nunca, sem o auxílio desta grande doutrina moderna e eterna.

Converta-se a polícia. Não há desdouro em abraçar a verdade, ainda que outros a contestem; todas as grandes verdades acham grandes incrédulos. Demais, a doutrina é consoladora. A resposta do marquês prova que os homens, de envolta com a carne, que é matéria, não deixam o título, que é uma forma particular de espírito. Quando o Japão começou a ter espírito, não adotou só o régimen parlamentar, nacionalizou também os condes, e lá tem, entre outros, o seu conde Ito, que dizem ser estadista eminente.⁴ A China, invejosa e preguiçosa, ergueu a custo as pálpebras e murmurou como no nosso antigo Alcazar da rua Uruguaiana: *Vous avez de l'esprit? Nous aussi.*⁵ E criou um marquês, o marquês Tcheng, mas não foi adiante.

² Na *Gazeta*, embora pouco legível, parece estar assim, “evocado”, e é assim que transcreve Aurélio. Mário de Alencar tem “invocado”.

³ Antônio Paulino Limpo de Abreu, visconde (e não marquês) de Abaeté (1798-1883). Político e diplomata importante, ministro muitas vezes entre 1835 e 1853, Presidente do Conselho de 1858 a 1859, e presidente do senado entre 1861 e 1873. No fim de sua carreira, quando deixou de tomar parte ativa na política, foi muito respeitado pelos mais moços.

⁴ O conde Ito Hirobumi (1841-1909), político importante e poderoso, foi quatro vezes primeiro ministro do Japão, inclusive de agosto de 1892 a agosto de 1896. Foi um dos principais responsáveis pela importação de sistemas constitucionais europeus no Japão: ficou ano e meio na Europa, estudando em Londres, e em 1885 estabeleceu o sistema de governo por gabinete. Desde 1884, era conde; em 1895, viraria marquês. Não pude identificar com certeza o marquês Cheng: o que é óbvio é o contraste entre a “preguiça” chinesa e a pujança japonesa, que levaria à derrota chinesa na guerra que já começara, em agosto de 1894.

⁵ Não sei de que obra provêm estas palavras. Certamente que de alguma opereta ou vaudeville francês, já que o teatro Alcazar, na rua da Vala (atual Uruguaiana), que floresceu entre 1859 e 1880, encenava de preferência obras desse gênero. O Alcazar mereceu mais de um comentário de Machado, e aparece no capítulo CLV da versão em folhetim de *Quincas Borba* (excluído no romance final), em que Palha, roído de ciúmes, assiste a um espetáculo no teatro.

Quanto a mim, não só creio no espiritismo, mas desenvolvo a doutrina. Desconfiai de doutrinas que nascem à maneira de Minerva, completas e armadas.⁶ Confiai nas que crescem com o tempo. Sim, vou além dos meus doutores; creio firmemente que um espírito de homem pode reencarnar-se em um animal. Em Mogi-Mirim, Estado de S. Paulo, acaba de enlouquecer um burro. Assim o conta a *Ordem* por estas palavras: “Segunda-feira passada, um burro do Dr. Santo di Prospero enlouqueceu repentinamente”.⁷ E refere os destroços que o animal fez até achar a morte. Ora, esta loucura do burro mostra claramente que o infeliz perdeu a razão. Que espírito estaria encarnado nesse pobre animal, amigo do homem, seu companheiro, e muita vez seu substituto? Talvez um gênio. A prova é que o perdeu. Com quatro pés, não pode entrar onde nós entramos com dois. Quanta vez teria ele dito consigo: – Não fosse a minha ilusão em reencarnar-me nesta besta, e estaria agora entre pessoas honradas e ilustradas, falando em vez de zurrar, colhendo palmas, em vez de pancadaria. É bem feito; a minha ideia de incorporar o burro na sociedade humana, se era generosa, não era prática, porque o homem nunca perderá o preconceito dos seus dois pés.

Outro ponto que me parece dever ser examinado e adicionado à nossa grande doutrina, é a volta dos espíritos, encarnados (se assim posso dizer) em simples obras humanas, veículo ou outro objeto. Penso, entretanto, que a gradação necessária a todas as coisas exige para esta nova encarnação que o espírito haja primeiro tornado em algum bruto. Assim é que um espírito, desde que tenha sido reencarnado na tartaruga, logo que se desencarne, pode voltar novamente encarnado no bonde elétrico. Não dou isto como dogma, mas é doutrina assaz provável. Já não digo o mesmo da ideia (se a há) de que um serviço pode ser reencarnado em outro. Serviço é propriamente o efeito da atividade e do esforço humano em uma dada aplicação. Tirai-lhe essa condição, e não há serviço. É um resultado, nada mais. Pode não prestar, ser descurado, não valer dois caracóis, ou ao contrário pode ser excelente e perfeito, mas é sempre um resultado. Quem disser, por exemplo, que o serviço da antiga companhia de bondes do Jardim Botânico está reencarnado no novo, provará com isso⁸ que de certo tempo a esta parte só tem andado de carro, mas andar de carro não é condição para ser espiritista. Ao contrário, a nossa doutrina prefere os humildes aos orgulhosos. Quer a fé e a ciência, não cocheiros embonecados, nem cavalos briosos.

Voltando à bigamia do capitão, digo novamente à polícia que estude o espiritismo e achará pé nessa confusão de senhoras. Sem ele, nada há claro nem sólido, tudo é precário, escuro e anárquico. Se vos disserem que é vezo de todas as doutrinas

⁶ Como se sabe, a deusa romana da sabedoria, Minerva, nasceu, já armada, da frente de Júpiter.

⁷ Não identifiquei este jornal. Tem o mesmo título que a fonte da notícia do punhal de Martinha (5 de agosto de 1894); mas esta é do interior da Bahia. O título do jornal da Bahia é *A Ordem*; há números dele na hemeroteca digital.

⁸ Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio põe “isto”.

deste mundo darem-se por salvadoras e definitivas, acreditai e afirmai que sim, excetuando sempre a nossa, que é a única definitiva e verdadeira. *Amém.*⁹



⁹ *Amen*, na *Gazeta*, em itálico (por ser palavra latina?). Em itálico também em Mário de Alencar. Aurélio põe em redondo.